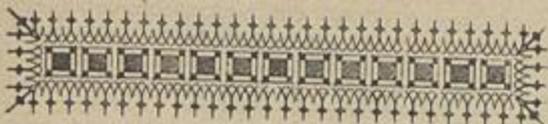
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXV Volume | 20 de Fevereiro de 1902 | N.º 833

XXV ANNIVERSARIO DO PONTIFICADO

S. S. LEÃO XIII

CHRONICA OCCIDENTAL

Foi-se finalmente o entrudo e á maior parte da gente não deixou saudades.

A' semsaboria do costume poz-se-lhe a variação de mais alguma brutalidade. Uns riam, muitos andavam furiosos, outros fechavam-se em casa. Mascaras poucas e nenhumas com geito. O melhor foi o batalhão das vassoiras; mas, como não tivemos o gosto de encontral-o, assim o affirmamos na fé dos outros.

O pó de amido e, juntamente com elle, a farinha, o gêsso e a cal, deram cabo de muito fato de ver a Deus, com que varios innocentes sahiram para a rua.

A lama do Chiado, a decantada lama, que, como dizia o Julio Cesar Machado, punha nodoas brancas nas botas pretas e nodoas pretas nas botas brancas, na terça feira, gommosa, de palmo, era visco nas botas que nem deixava fugir a gente, como n'um pesadêlo, sob um chuveiro de coisas sujas.

Os bailes publicos não quizeram deixar de concorrer para a má fama com que o entrudo passou d'esta para peor. Muito grito, muito alcool, uma semsaboria que por vezes attingia a graduação de funebre. Alguns graciosos sem graça nenhuma diziam coisas a que achavam muita graça e que decerto lhes haviam sido suggeridas por algum cangalheiro em dia alegre de enterro rico.

A porcaria é que dominava. Se ainda fosse entrudo, diriamos o que lhe servia de throno, corôa e sceptro. Ella mandava poderosamente, absolutamente, e encontrava cabecinhas tão bem dispostas, que a rhetorica que pregava, como vinho fumoso, se fazia senhora d'ellas.

No meio d'isto, o céo misericordioso lembrou-se de dar á cidade uma lavagem monumental. Mas isso sim! Ainda foi peor. Era como o sangue na mão de Macbeth que nem todo o mar lavaria e era capaz de avermelhar o mar. O Chiado ficou uma lastima, os fatos immundos de pó ficaram immundos de gomma, as mascaras levaram para os bailes a lama das ruas.

E entretanto nem um dito de espirito, nem uma historia que se conte. Os de mais viva imaginação foram para os camarotes e vasaram cá para baixo os siphões do buffete. A' falta de pós, arremessavam croquettes e pasteis de nata. Foi divertidissimo. Uma mascara que guinchasse já fazia alguma coisa e rodeavam-a todos. Alguns bebados desandaram á pancada e franca, francamente, foram os unicos que tiveram razão.

No theatro lyrico devia cantar a Bellincioni, uma das melhores artistas que teem vindo a S. Carlos. Não a deixaram cantar. Como se vê o espirito dominava. Foi uma excellente partida carnavalesca. Assim é que se entende um homem divertir-se.

O que foi em terça feira gorda no principal theatro de Lisboa contam-o por diversos modos os que tiveram a desgraça de assistir ao divertimento. Começou ás oito e meia acabou ás dez. Depois duas horas de intervallo. A' meia noite começou o grande baile. Entretanto voavam atravez da sala a maior variedade de projecteis offensivos. Os combatentes davam urros, nem que assistissem á meia noite a uma missa negra.

Foi tal o estado em que a sala ficou que na quinta feira ainda não poude haver espectaculo. Não havia onde uma pessoa se sentasse que não fosse n'um bocado de nata, n'um kilo de manteiga, n'uma sandwich esborrachada.

O publico protestou, pateou e não deixou que o maestro Mancinelli occupasse o seu logar. Interveiu o sr. Governador civil, as rabecas recolheram ás caixas, procedeu-se a melhor limpeza e ainda na sexta feira não houve cartaz, porque as carroças ainda sahiam do Largo de S. Carlos, atulhadas de quanto ha de mais sujo.

Vale a pena á Bellincioni ser das maiores artistas do mundo.

Nos outros theatros não houve maior novidade pelo carnaval, tendo reservado para depois as peças que despertassem maior interesse.

Os Crucificados de Julio Dantas representaram-se sabbado no theatro D. Amelia, mas João Rosa, que já n'essa noite se achava incommodadissimo, peorou depois e a gravidade da sua doença obrigou a empreza a um contra annuncio.

Na Rua dos Condes obteve grande exito a representação do novo quadro da revista *Na Ponta da Unha* dos nossos queridos amigos Camara Lima e Alfredo Mesquita. Vai a revista de vento em pôpa.

No theatro da Avenida realisou Sousa Bastos a sua festa artistica com mais uma recita do *Tição Negro*, a famosa opera comica de Lopes de Mendonça. E' o grande exito d'este inverno e um dos maiores do theatro portuguez n'estes ultimos tempos. Bem haja Sousa Bastos pela sua iniciativa. Do auxilio que está prestando a quantos estimam as boas letras em Portugal teve n'essa noite de enthusiasmo a recompensa. Consta-nos que o illustre empresario, que tem a coadjuval-o uma das nossas mais encantadoras actrizes da opera comica, tenciona explorar para o anno um theatro de Lisboa, onde procurará dar o maior desenvolvimento á operetta nacional, fazendo reviver ao mesmo tempo o que haja de melhor no genero desde Gil Vicente.

Festa de enthusiasmo tambem foi a dos estudantes de Valladolid, realisada no grande Colyseu. Muita musica, muito discurso, muito verso e sobretudo muita alegria, muito mais intensa e de muito melhor quilate que a espalhada por todos os bailes publicos de Lisboa nos dias de carnaval.

Os tunos marcharam d'aqui para Coimbra, onde as festas continuaram ainda com muito maior animação.

Egualmente recebida com demonstrações da mais viva sympathia foram na Galliza os estudantes do Porto. Contaram-o os jornaes em telegrammas e todos transcreveram os bellos versos de D. José Echégaray.

Quanto estas amiudadas visitas ajudam á união intellectual dos dois paizes inutil é querer demonstral-o. Perigo nenhum póde d'ellas provir e ajudarão por certo a desenvolver uma sympathia com que todos temos a lucrar.

Irmãos não quer dizer irmãos siamezes, que foram um phenomeno raras vezes repetido.

Nem hoje seria facil obrigar-nos a uma d'essas ligações que nos impediria de na cama nos voltarmos á vontade para o lado que mais nos conviesse. Dormiriamos ambos de costas, nós e a companhia. Que pesadêlo!

Os irmãos siamezes foram celebrados em todo o mundo, um ao outro ligados pela cintura; mas tinham nascido assim.

Lembra-nos agora que Fernando Caldeira, ha muitos annos, ainda antes de ter escripto *O sapatinho de setim*, que foi a sua primeira peça representada, nos leu parte d'uma comedia que tinha por protagonistas dois irmãos ligados um ao outro. Deveriam ser representados por Taborda e Isidoro. Um d'elles era poeta, outro tudo o que havia de mais prosaico no mundo. D'ahi uma lucta continuada. Não sei se a peça terminava por alguma operação, mas creio que sim. Só me lembra que o phenomeno chegava a Lisboa e, como está visto, hospedava se no hotel dos Irmãos Unidos. O criado, assim que o avistava, desatava a correr, gritando: Ahi vêm os patrões! Ahi vêm os patrões!

Muito falada foi agora a operação executada em França, desligando duas irmãs escripturadas do Barnum, ligadas pelos lados, e das quaes uma entisicára, sendo perigoso contaminar-se a outra. A que apresentava melhor saude succumbiu em resultado da operação.

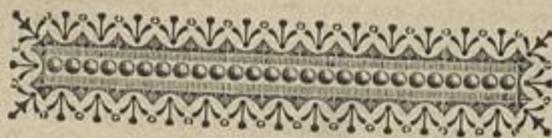
Ha de haver uns trinta annos fizeram furor na Europa duas pretinhas assim ligadas tambem, que um antipathico empresario de monstruosidades andou mostrando por diversas capitaes.

Lembra-me do dito d'um marselhez que as tinha visto em Paris, dito contado, salvo erro, pelo *Figaro*.

— Eu já vi, dizia elle, um phenomeno egual; mas não eram duas irmãs.

— Bem sei, dizia outro; eram dois irmãos.

— Não; eram duas primas.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

S. S. LEÃO XIII

Quiz a Providencia divina que o Santissimo Padre, que tão sabiamente tem presidido aos destinos da egreja catholica romana, lograsse, não obstante a já avançada idade de 92 annos, attingir um quarto de seculo depois da sua elevação ao solio pontificio.

Em 20 de fevereiro de 1878, fallecido Pio IX, ascendeu á cadeira de S. Pedro o actual pontifice. Em 1893 celebrava a egreja o seu jubileu e hoje, ao iniciar o vigesimo quinto anno de papado, repete com fervor a prece endereçada ao Altissimo:

Dominus conservet eum.

Leão XIII nasceu a 2 de março de 1810. Oriundo de familia nobre e filho de D. Anna Prosperi Buzi di Cori e do Conde Luiz Pecci, dos Pecci de Senna, tem os nomes de Joaquim Vicente Raphael Luiz Pecci, e veio á luz na pequena cidade de Carpineto pertence da diocese de Anagni, cidade distante quinze léguas de Roma.

Aos quinze annos era Vicente Pecci um dos estudantes de Italia mais laureados, e, cinco annos depois inscrevia-se nos registos do collegio Romano como alumno de theologia. Em 1830 matriculou-se em theologia na Universidade Gregoriana. Em 1832 recebeu o grau de doucter em theologia, tinha vinte e dois annos Foi n'este anno que a nobre familia dos Pecci decidiu qual a carreira que deveria seguir o joven Joaquim Vicente. Decidiu se pelo serviço do Papa e entrou na Academia de ecclesiasticos nobres que habilita para as carreiras diplomatica ou administrativa do governo pontificio. Annos depois, em 1837, o Papa Gregorio XIII não estimando menos que os seus predecessores: Leão XII e Pio VIII, o sabio e talentoso Vicente Pecci, elevou-o a seu prelado domestico, honra que tendia mais a aquilatar as suas raras virtudes do que a distinguir a nobreza que herdara.

Logo se affirmou o homem d'Estado, em Pecci. A 16 de março do mesmo anno foi nomeado referendario da Côrte da assignatura e seguidamente collocado entre os prelados do *Bom Governo*, especialmente encarregado da parte financeira dos municipios dos Estados Pontificios.

Em 1 de janeiro de 1838 disse pela primeira vez missa. No mez seguinte foi nomeado governador de Benavento; contava então 28 annos.

Em 1843 era nomeado pelo Santissimo Padre, Nuncio Apostolico, em Bruxellas. Em 1846 foi elevado a bispo de Perusa.

Em 1853 foi nomeado cardeal. Em 1876 publicou uma importantissima encyclica: *A Egreja Catholica.* Mais tarde, outras tambem notabilissimas: *A egreja e a civilisação;* etc.

*

A 20 de fevereiro de 1878 teve logar o conclave em cuja eleição foi eleito Papa com o nome de Leão XIII.

De tal modo se tem havido o Summo Pontifice no lugar proeminente que occupa, que á consideração e respeito universal se tem imposto do modo o mais notavel que é possivel, haja em vista as festas dos seus jubileus que todo o mundo catholico commemorou e de cujo espectaculo edificante se recorda toda a christandade.

O modo superior como este Pontifice se acha ligado com os governos da Allemanha, Austria, Estados Unidos d'America, França, Hespanha, Inglaterra, Portugal e Russia, aviva um sincero enthusiasmo pelo grande genio que hoje preside á religião catholica.

NA PONTA DA UNHA

Pega o publico nas revistas e não deixa de ter sua razão. E' quasi sempre um espectaculo alegre, muito mais quando o Valle entra na aposta a favor dos auctores e estes são dois rapazes de espirito como o Alfredo de Mesquita e o Camara Lima.

Molharam a véla, que o vento era de feição e já lhes fizeram um quadro novo. Um dos quadros que já tinham, o dos theatros, foi logo de começo classificado como dos melhores no genero.

Ao principio, ainda houve umas duvidas. A tesoira da Parreirinha quiz collaborar com os auctores, e as duas pennas alegremente molhadas em tinta côr de rosa viram-se gregas com a ceifa que o monstruoso instrumento lhes fez de suas melhores flores. As cicatrizes eram visiveis de mais e os pontos postos á ultima hora nem todos souberam pegar devidamente. Valeu á revista ser de boa carnadura. Com uns desinfectantesitos sarou n'um instante e ahi a temos, bella rija e forte, a caminho do centenario.

Por todos o estimamos e sobretudo pelos dois estreiantes, optimos rapazes, que pelos tres actos espalharam a sua boa graça portugueza, sua ironia maliciosa. Estimamol-a pelos interpretes velhos e novos, glorias e promessas da scena portugueza.

Todos collaboraram de boa vontade para o exito que obtiveram e que ficará archivado como dos maiores d'este anno, que d'elles andou tão pobresinho.

Que a revista vá na ponta da unha ás cem, ás duzentas e muitas mais, é o que sinceramente estimamos, e veja pelo menos os annos do Silva Pereira, que tambem lá nos apparece cada vez mais novo e gentil.

TRACÇÃO ELECTRICA EM LISBOA

OS CARROS ELECTRICOS

Nas linhas de tracção electrica estabelecida ha pouco em Lisboa circulam elegantes carros, abertos ou fechados, que ajuntam á solidez e boa apparencia a maior commodidade.

De todos os melhoramentos que a capital tem logrado nos ultimos annos é sem duvida o mais importante o da implantação da viação electrica.

Bastante combatida em theoria a tracção electrica mostra na pratica todo o seu valor. Nas ruas mais ingremes, mercê da poderosa corrente, os carros sobem com a maior velocidade, aceleram do as communicações na cidade e dispensando os violentos esforços da tracção animal.

As actuaes linhas alcançam já consideraveis distancias, como a do Poço do Bispo ao Dáfundo. A energia electrica, gerada nas respectivas installações da companhia em Santo Amaro, é transmittida por fios aereos com a adopção do trolley, e em certas linhas reforçada por conductores subterraneos.

A nossa estampa representa a estação, ou paragem geral, dos carros electricos no *Rocio*, defronte do theatro de D. Maria II. Ahi se vêem os dois typos de carros actualmente em uso. Um fechado, com assentos de estofo forrado de palhinha, outro aberto, com largos bancos, aceados e hygienicos.

Ha ainda os carros atrelados dois a dois, pois a camara municipal prohibe maior numero, e os grandes carros abertos de oito rodas, em quatro jogos, de modo a permittir a paragem nas curvas apertadas.

A nova viação lisbonense é pois uma das primeiras da Europa, pela sua luxuosa disposição, abundancia de carros, e notavel rapidez.

E' certo que se se melhorou bastante tão importante ramo de serviço publico, não podemos deixar de ponderar que a viação animal foi gravemente affectada e muitas industrias já se resentem da perturbação que este melhoramento lhes acarretou.

Como se sabe a exploração da viação electrica na capital foi concedida por 99 annos á antiga companhia de carris de ferro de Lisboa, que em seguida a transferiu para uma companhia ingleza, por conta da qual se fizeram as obras do assentamento das linhas e a cujo cargo está o movimento e exploração.

Áparte alguns desastres causados pela imprudencia dos conductores dos carros electricos e pela teimosia dos conductores de outros vehiculos, o novo serviço de viação tem merecido lisongeiro acolhimento do publico.

«Através da Europa e da Africa» [1]

(EXCERPTO)

A cidade de Benguella é muito extensa. Cada casa, com o seu immenso quintal, pode dizer-se, occupa, além da parte central, um grande quarteirão, onde os inquilinos vivem isolados e livres das inconveniencias de uma visinhança intrusa e bisbilhoteira. A este respeito, os habitantes de Benguella são felizes e ninguem se dá ao trabalho de indagar da existencia de cada um.

As ruas da cidade são largas e arborizadas. Por ellas, em horas de grande calor, transitam unicamente os pretos que levam e trazem recados verbaes e bilhetes, e uma ou outra *machilla*, especie de cadeirinha que dois carregadores transportam aos hombros, conduzindo o medico de visita aos seus doentes ou outro qualquer europeu.

Nos dias de chegada e partida dos paquetes, o movimento é grande. Fóra disto, não se nota muita animação nas ruas.

A população é ordeira. Muito raro se accendem os animos que nem mesmo se azedam com discussões politicas. Pode dizer-se que ali não ha paixão politica, e, por isso, não se ateiam as questões que surgem em qualquer parte onde aquella existe.

A caça nos arredores da cidade constitue um dos principaes passatempos a que se entregam com um certo ardor muitos dos seus habitantes que, introduzindo se e escalonando-se na matta, denominada do *Cavaco*, não deixam de correr perigo. Costumam lá apparecer numerosos animaes ferozes e de noite as *quimalancas* (hyenas) atrevem-se a entrar na cidade, mostrando-se de preferencia nas proximidades do matadouro e nos sitios onde se lança o lixo.

Durante a minha estada em Benguella, no pequeno espaço de uma semana, foram ali mortas uma hyena e uma onça-tigre que, atravessando a principal rua de um extremo ao outro, foi morta debaixo da ponte caes da alfandega — ás 2 horas da tarde! Um bando de negros, armados de lanças e grossos cacetes, deu caça ao terrivel animal, cuja pelle ficou pertencendo ao agente da Empreza Nacional de Navegação.

Não ha muitos annos tambem que, nas proximidades da cidade e a poucos passos do sitio onde se encontra edificada a estação hydraulica para o abastecimento da população, foram mortos dois grandes leões. D'estes terriveis animaes, assim como de outros tão ferozes, ha ainda abundancia no interior de Benguella, aquém da serra da Chelfa.

Habita as abas da serra e a sua parte baixa a tribu dos *mundombes*, que se occupam na lavoura de cereaes e fabrico de carvão, que veem vender á cidade. E' uma gente repugnante pela sua immundicie, pois despresa os principios mais rudimentares da hygiene. Esses pretos untam com azeite de palma não só os cabellos, mas ainda os pannos que usam em volta da cintura, dando-lhes uma côr escura e luzidia que muito apreciam.

Os pretos alludidos são excellentes carregadores de *tipoia* (rede suspensa) nas viagens pelo interior. Eu tive occasião de os experimentar quando fui de visita ao valle do Dombe. E essa excursão, que foi deveras interessante, deixou-me gratas impressões.

Reunidos vinte e tres pretos, dos quaes vinte encarregados de conduzirem duas *tipoias* e tres as bagagens, partimos de Benguella ao escurecer, no meio de uma algazarra infernal. E' essa uma costumeira incommoda porque a sua berraria faz dores de cabeça, mas os pretos não se põem a caminho senão depois de satisfeitos com as indispensaveis rações de aguardente.

Raramente deixam de cantar. De instante a instante, os que vão atraz de cada tipoia estão a substituir os companheiros que a conduzem aos hombros. E tão praticos estão nesse mister que raro se dá qualquer incidente desagradavel.

Ha pessoas que, á força de habito, conseguem conciliar o somno. Isto parece impossivel, mas é verdadeiro. Eu é que o não alcancei e quando, á meia noite, foi dado aviso de que tinhamos chegado ao local denominado Quipuca, a 25 kilometros pouco mais ou menos de distancia de Benguella, onde se costuma acampar para o viajante descançar, senti-me bastante alliviado.

Apezar das commodidades que um tal meio de transporte offerece, o ar humido e frio da noite tinha-me causado bastante mal, mas pouco cuidado liguei a esse incommodo. A minha attenção fôra desde logo attraida pelo aspecto selvagem do quadro que se desenrolava em redor.

Achava-me no meio de um desses desertos africanos, tão cheios de horror e que o silencio e as trevas da noite tornam ainda mais temerosos aos viajantes, que os atravessam. Os pretos tinham acceso uma fogueira em volta da qual permaneciam acocorados quaes fantasmas aterradores, em uma attitude de descanço rapido e confortavel.

Estavamos acampados junto a um immenso penhasco, a dez passos de uma nascente de agua sulfurica morna, que logo adiante se alargava e se convertia em pequena lagoa. Segundo me informaram os guias, é ahi que vae matar a sêde o leão que vagueia áquem do valle do Dombe. Ali tambem o viajante mitiga a sêde que tantas torturas ás vezes lhe causa durante tão longa viagem.

O local, é, pois, frequentado por animaes ferozes como o leão, o leopardo, a hyena, a onça, o tigre, o chacal, etc. O bufalo e o elefante por ali se apresentam egualmente. Muitos viajantes referem os temerosos encontros que por ali têem tido em varias épocas.

E' o sitio desabrigado quanto pode ser. Não existe ali sequer uma pequena cubata para abrigo dos viajantes.

Os carregadores em viagem alimentam-se parcamente. Mal assam um pedaço de peixe secco que comem com o *infundi*, massa de farinha, ou com milho em grão e *genguba*. Quando em quando, bebem um trago de aguardente, accendem os cachimbos e dentro em pouco, completamente refeitos, estão promptos e dispostos para continuar a marcha.

Preferem viajar de noite. O motivo é simples; está em que o calor do dia abate os muito e em que se acham mais livres de serem atacados pelo leão.

Cada um delles vai armado com uma lança ou azagaia para sua defesa. Durante a marcha, nem um só momento deixam de quebrar o silencio do deserto com as suas monotonas e extranhas melopêas. O unico trajo que supportam é aquelle panno sujo e repugante a que me referi atrás.

Mettendo-nos novamente nas *tipoias*, continuámos a nossa marcha pelo interior até chegar, sem incidente digno de menção, ao fertil valle do Dombe, onde existem algumas propriedades agricolas. Rompia a manhã e por signal que bellissima.

Tomámos, então, a direcção do nosso ponto de destino, a magnifica propriedade agricola do Dombe Grande, cujo dono me recebeu e tratou com requintada delicadeza e grande consideração. Tive assim, tambem, ensejo para mais uma vez lhe manifestar o meu reconhecimento por todas as suas attenções e amabilidades.

Por sua especial natureza, a região do Dombe presta-se admiravelmente á cultura da canna saccharina. Abundam, pois, as suas plantações, que, segundo me informaram, produzem avultado numero de pipas de aguardente.

As principaes propriedades agricolas do Dombe são as de Luacho, do Tumbo e do Dombe grande. A primeira é a mais importante.

Os engenhos são movidos a vapor. Funccionam successivamente o anno inteiro.

O clima daquelle valle é em extremo doentio. São raros os europeus que resistem ás doenças originadas pelo calor e humidade que ali reinam.

Regressando a Benguella, parti para Catumbella, situada a tres leguas de distancia ao norte da primeira cidade. São ligadas por uma linha ferrea que não tem importancia alguma por se encontrar arruinadissima e não funccionar regularmente por esse motivo. O material circulante estava a pedir immediata substituição, fazendo se sentir bastante tambem a falta de machinistas e pessoal europeu. Os desastres eram constantes e muitas vezes tinha se que realizar a pé uma grande parte da viagem!...

Catumbella foi de todas as povoações do litoral de Angola aquella que mais satisfez os meus desejos de excursionista. E' uma linda villa, formada por quatro ruas principaes, algumas praças e travessas, e que se estende pela margem direita do rio do mesmo nome e em uma pequena planicie constituida pelo recuo das montanhas desse lado.

Para Catumbella se tem dirigido de preferencia, ultimamente, o gentio portador de borracha, cêra e marfim. Por isso, tambem, o seu movimento commercial tem augmentado muitissimo, a ponto de ameaçar supplantar o de Benguella. Isto dava-se em 1897.

Encontram-se ahi, de resto, individuos de melhor especie que os que compõem parte da população da cidade visinha. Topa-se com facilidade gente melhor educada e de trato pouco mais agradavel e obsequiadora, sabendo dispensar coadjuvação e hospitalidade ao extranho que ali chega.

Ao sul de Catumbella está a bahia do Lobito, muito visitada por excursionistas. Essa bahia é abundante em ostras, indo á sua apanhha muita gente dos arredores.

Em Benguella, e em Catumbella sobretudo, acha-se já muito espalhado o uso de carruagens, e raro é aquelle que não possue o seu carrinho. Principalmente aos domingos, o movimento de carros, quasi todos guiados por seus donos, é enorme; o forasteiro, parado á esquina de uma das principaes ruas, em face daquelle continuo rodar, chega a esquecer-se de que está em Africa!

. . . .

Oscar Leal.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 831)

Havia muito tempo que se não dava o facto extraordinario, de não haver theatro em um domingo, dizendo se que era por não ter a empreza espectaculo que dar!

Em 27 de fevereiro, terça-feira gorda, em recita extraordinaria, fóra de todas as assignaturas, deu-se a zarzuela, *El Duo de l'Africana*, de Fernandez Caballero, em Hespanhol, e um *divertissement*, em

[1] Vide «Publicações».

Theatro da Rua dos Condes

A REVISTA *NA PONTA DA UNHA*

ALFREDO DE MESQUITA

que dançaram as bailarinas Bordin e Pujol. Depois houve baile de mascaras.

Em 8 de março debutou na opera *Bohème*, de Puccini, o tenor Edoardo Garbin, que não tinha podido debutar na opera *Manon*, de Massenet, em 5 de março, como se tinha annunciado, por causa da doença da dama Adelina Stehle. Ouviu-se esta opera, n'esta mesma epocha, cantada successivamente por 4 tenores! Houve tenores de mais na mesma opera, em uma mesma epocha; este processo tende a desvanecer as boas impressões e tira as illusões; é ante-artistico; parecia mais uma prova de concurso para tenores, do que o deslizar de uma epocha de theatro lyrico!

Em 16 de março, em beneficio do camaroteiro, deu-se a opera *Serrana*, de Keil.

Em 18 de março, em 49.ª recita de assignatura ordinaria, debutou na opera *Rigoletto*, o tenor Fiorenzo Constantini! Este artista que figurava no elencho publicado pela empreza, tinha sido, segundo se dizia, empalmado no caminho pelo emprezario do theatro real de Madrid, o qual por fim lhe ficou a dever! O publico do theatro de S. Carlos de Lisboa deve agradecimentos, se assim foi, ao tal emprezario de Madrid, por o ter livrado de ter este tenor durante a epocha lyrica.

Em 20 de março, em beneficio do Instituto Ultramarino, representou-se a opera *Fedora*, de Giordano; o baixo Perelló cantou varias romanzas acompanhado ao piano pelo maestro Moro.

Em 21 de março, dia de gala, anniversario natalicio do principe real D. Luiz Filippe, recita extraordinaria fóra de todas as assignaturas, deu-se a opera *Rigoletto*, de Verdi.

Em 23 de março, em beneficio das Missões Ultramarinas e das Officinas de S. José, representou-se a opera *Fedora*, de Giordano.

Na noite da recita de gala, em 2 de janeiro de 1900, por se terem n'esse dia aberto as côrtes, deu-se um episodio comico com o burro que puchava o carro dos saltimbancos na opera *Pagliacci*, de Leoncavallo; o pacifico animal, que até então sempre se havia comportado bem, depois de terminado o 1.º acto desatou a zurrar estridentemente, o que despertou grandes gargalhadas, e chamou á frente da tribuna real os membros da côrte que acompanhavam as Magestades.

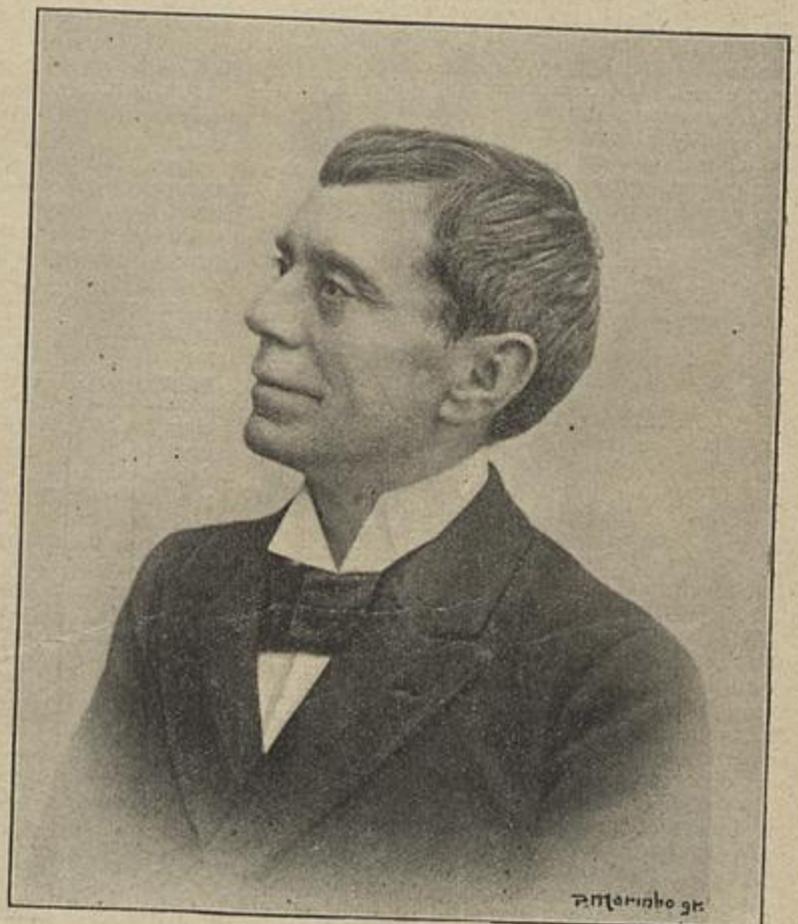
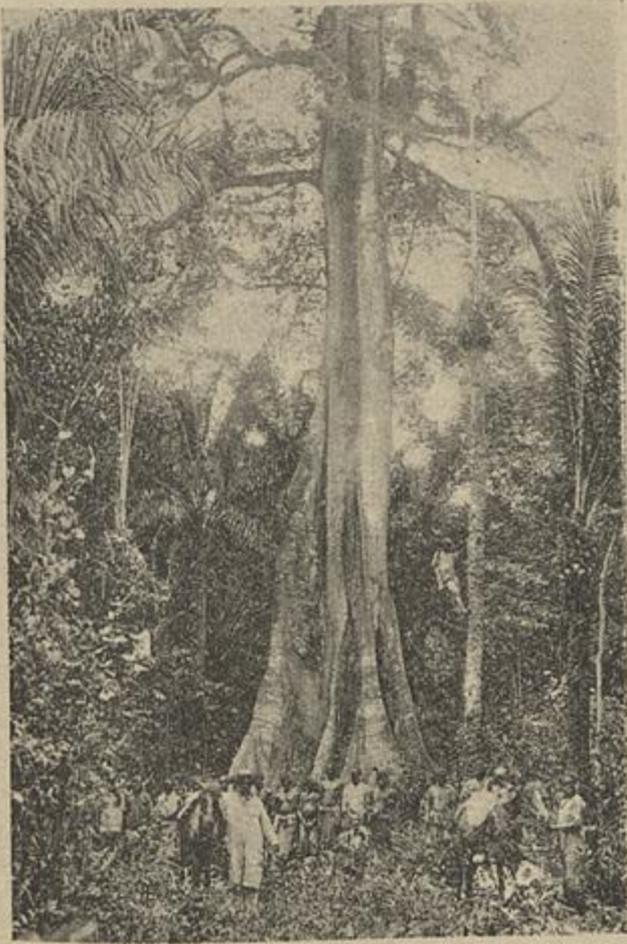
Em 15 de fevereiro, no Colyseu dos Recreios, em beneficio do Instituto D. Affonso, para raparigas orphãs, filhas de militares, cantou o tenor Delmas a romanza da opera *Mignon* de Ambroise Thomaz.

Em 21 de janeiro, na egreja da Estrella, houve *Te-Deum* em acção de graças, pelo restabelecimento da saude do presidente do conselho de ministros José Luciano de Castro; cantaram, o tenor Bonci, barytono Sammarco, e baixo Perelló; regeu a orchestra o maestro Arnaldo Conti.

Em 30 de março houve um concerto na Real academia de amadores em uma das salas da Sociedade de Geographia, em que cantaram: a dama Cesira Ferrani, barytono De Luca e baixo Perelló; acompanhou ao piano Lydia Ferrani. Dirigiu o concerto o maestro hespanhol André Goni, que veiu substituir Victor Hussla.

Em 10 de maio de 1900, em beneficio da caixa de soccorros a estudantes pobres houve no theatro de S. Carlos um concerto em que cantaram: Pepa Ruiz, Alfredo de Carvalho e Adelia Colombini, tocaram: Thomaz Ribeiro (guitarra), e Arthur Ribeiro (viola), e uma tuna de guitarristas. Deu-se a farça *Ensaio da festa* de Gervasio Lobato e a *Raça latina* de Marcellino Mesquita, e uma scena comica por Joaquim de Almeida.

Em 8 de dezembro, á 1 e meia hora da tarde, houve no salão do theatro de S. Carlos, um concerto, em beneficio do professor Napoleone Vellani, em que cantaram: Angelina Veladim, Laura Marques Wake, Hermelinda Cordeiro e Regina Negrão; e tocaram: Oscar da Silva (piano), Julio Cardona (violino), Cunha e Silva

CAMARA LIMA

ACTOR VALLE

A QUIPUCA (CARAVANA DO ALTO SERTÃO COM DESTINO A UM CENTRO COMMERCIAL PARA TROCAS)

A OCÁ — S. THOMÉ

LAVADEIRAS DE LOANDA

MUNDOMBES — BENGUELLA

FAZENDA DO DOMBE GRANDE — BENGUELLA

GRAVURAS EXTRAHIDAS DO LIVRO «ATRAVEZ DA EUROPA E DA AFRICA» POR OSCAR LEAL

(violoncello). Foi distribuido um soneto a Vellani composto por Annes Baganha.

Em 2 de dezembro, no salão do Conservatorio de Lisboa, houve um concerto pela Sociedade de musica de camara de instrumentos de sopro, tocando José Henrique dos Santos (flauta), Arthur da Fonseca (oboé), Severo da Silva (clarinete), Manuel Tavares (trompa), João Manuel (fagote). Tocou piano Michel Angelo Lambertini. Foi bella a execução de todos os trechos, salientando-se pela correcção, distincção, delicadeza e colorido, o pianista Michel Angelo Lambertini.

Em 9 de dezembro, houve, no mesmo salão, um concerto pela Sociedade de concertos de canto. Tocaram piano Rey Collaço e Elisa Baptista de Sousa. Cantaram: Leonor Marques da Costa e Magdalena Cisneiros Ferreira; houve córos de senhoras e de cantores da Sé. Executaram-se trechos de Bach, Palestrina, Mozart, Pergolése, Rossini, Schumann, Weber, Chopin, Grieg, Tosti e Locome. Dirigiu o concerto o maestro Alberto Sarti.

Em 10 de março a empreza abriu uma assignatura nova extraordinaria de 12 recitas, promettendo novos cantores, e a representação das operas *Aida*, *Norma*, *Ottello*, etc., pedindo aos assignantes a resposta até ao dia 15 do mesmo mez. Os assignantes, na maior parte, fartos de terem theatro em noites tão seguidas, e por tão altos preços, e com espectaculos muitas vezes insignificantes, não subscreveram, e portanto não foi ávante a nova assignatura.

Este vislumbre de força, iniciado por alguns assignantes de camarotes da 1.ª ordem que fizeram greve, e logo foram seguidos por muitos outros assignantes, mostra bem o que elles poderiam fazer se se unissem, e dá-lhes grande parte de responsabilidade no mau andamento dos espectaculos. Outro facto, ainda maior responsabilidade e culpa denuncia, no publico do theatro de S. Carlos; é o mau exito das recitas, de assignatura supplementar, as quaes, alcunhadas de *sebastiôas*, como outr'ora, em 1878, umas recitas analogas de assignatura extraordinaria foram chamadas de *japoneses*, deixaram de ser *moda*: e como a assignatura não estava completa, os logares não assignados não foram vendidos, na maior parte.

Em vão o emprezario se esforçou em dar, nas recitas supplementares, os melhores e mais attrahentes espectaculos; tudo foi inutil; a *moda* venceu; a concorrencia do publico foi diminuta; de modo que a obrigação de dar as recitas supplementares, aos respectivos assignantes, tornou-se um encargo e um embaraço para a empreza, que resolveu prescindir da assignatura supplementar para o proximo futuro anno, augmentando o numero de recitas da assignatura extraordinaria.

Este facto, e outros analogos, fazem recair sobre o publico lisbonense grande parte da responsabilidade na decadencia dos espectaculos do theatro lyrico, e justificam em parte, o emprezario, de empregar, na sua gerencia theatral, o processo que merecem, na sua maioria, os frequentadores do theatro de S. Carlos.

Na companhia lyrica, que funccionou no theatro de S. Carlos na epocha de 1899–1900 havia muitos artistas distinctos.

Alem dos já conhecidos cantores de grande merecimento, como os tenores Delmas, De Lucia, damas Parsi, Ferrani, que já no anno anterior abrilhantaram a scena de S. Carlos, e dos quaes já fallámos, reappareceu n'esta epocha a muito festejada cantora Regina Pacini, natural de Lisboa, e cuja brilhante carreira, pelos principaes theatros da Europa e da America, tem feito honra a sua patria.

Apresentou-se-nos Regina Pacini com as mesmas portentosas qualidades, já conhecidas e apreciadas pelo publico de Lisboa; voz extensa; grande affinação, extraordinaria agilidade e excepcional respiração, que lhes permittem executar com grande facilidade, correndo ou saltando, ligado ou picado, para cima ou para baixo, na extensão de $dó_3$ a mi_5 as maiores difficuldades, que lhe deram celebridade. Alem d'isso a suavidade da sua voz, em uma longa extensão, tambem lhe permitte dizer um adagio com encantadora doçura, que para nós ainda se tornava mais agradavel, do que a prodigiosa gymnastica da sua vocalisação.

Apesar de ainda ser nova, pois pouco mais de trinta annos conta, Regina Pacini, apresenta-se-nos já como uma das poucas representantes das grandes artistas do canto, que vão excessivamente rareando.

Na maior parte, os modernos cantores, ainda os mais eximios, veem-se embaraçados quando teem de cantar a descoberto, em largos andamentos, ou com grandes vocalisações, desacompanhadas da instrumentação. Tem contribuido para este resultado, em grande parte, a evolução que se tem dado na opera lyrica, nos ultimos annos, em que ha menos *melodias*, e é mais importante o papel que desempenham a orchestra e as massas coraes, de modo que os cantores poucas vezes teem que cantar, a descoberto, desacompanhados de instrumentação; o seu trabalho consiste, principalmente, na declamação, no recitativo e na acção.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

A Misericordia e as execuções [1]

A forca onde os condemnados soffriam a pena ultima teve varios paradeiros. Era primeiro no Campo de Santa Barbara, que pelo vulgo ficou largo tempo conhecido pela lugubre denominação de *Campo da Forca*.[2] Depois, para evitar tristes scenas que se davam pela incuria que havia em reconstruir o funebre apparelho com a necessaria solidez, obteve a Misericordia, como dissemos, o privilegio de armar uma forca levadiça na Ribeira, onde, segundo parece, já fôra em tempos o logar das execuções. Anda até ligada a este sitio a tradição de ter sido alli que Santo Antonio acudiu a salvar o pae da injusta morte que ia a padecer, motivo porque sobre o arco das Portas do Mar, que lhe ficava fronteiro, esteve um painel com o retrato d'aquelle santo.

Este sitio, á beira-rio, presenciou horrendos espectaculos; não lhe bastando os enforcamentos, tambem alli a inquisição veiu armar as suas fogueiras. Alli foi queimado em auto de fé, em 5 de maio de 1624, o celebre dr Antonio Homem.[3] Por algum tempo tambem foi o Campo de Santa Clara o logar do supplicio dos criminosos; erguia-se a forca a meio do campo. As freiras pediram que lhes removessem d'alli o triste espectaculo, e foram attendidas.[4] Ultimamente erguia-se no Caes do Tojo, adeante do Caes dos Soldados, detraz de um alto muro, e as mais das vezes, em epochas mais antigas, a forca era erguida em qualquer rua ou praça, no proprio local onde o crime fôra perpetrado.[5]

A auctorização fôra concedida á Misericordia para mandar levantar a forca levadiça na Ribeira, onde depois se faziam as execuções, por Alvará de 2 de novembro de 1498; pelo mesmo regio diploma ficava auctorizada a recolher os cadaveres dos padecentes que n'ella se finassem, conduzindo os para o cemiterio privativo da Santa Casa, que era sito na calçada de Sant'Anna, todo murado e se denominava o Cemiterio da Graça ou dos Padecentes.[6]

A este cemiterio se refere uma escriptura de doação e escambo de parte do terreno, datada de 8 de novembro de 1560 (sendo provedor D. Duarte da Costa), nos seguintes termos: — «chão que servia de Adro que se acha da parte de dentro do muro desta cidade, de Nossa Senhora da Graça, por outro chão grande que lhe deo (o dr. Manuel de Almeida, Fidalgo da Casa d'El-rei) da banda de fóra, o qual o dito Manoel de Almeida fez sagrar e ora serve de Adro em lugar do que servia; o qual chão que lhe deo he tão grande que sobeja para enterramentos dos presos e pobres da cidade que dentro se enterravam e porque em hum pedaço de chão que ficou fora do que lhe foi dado he hum recanto em que fazem sugidade no pé da parede e janella da casa do dito Manoel de Almeida o que he munto prejuizo, etc.»[7]

A esse cemiterio realizava-se todos os annos, pelo dia de Todos os Santos, uma romaria de visitantes, com tão enorme concorrencia que a Santa Casa se via obrigada a requisitar uma guarda de doze soldados do regimento de Peniche, para policiar a multidão e regularizar a romaria.

O tempo, que tudo modifica e altera, veiu destruir esta secular cerimonia do enterramento dos padecentes. Os progressos da sciencia medica, recommendando cada vez mais o exame anatomico dos cadaveres, impozeram ao governo (Portaria de 20 de maio de 1842) a concessão de serem entregues á Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa os corpos dos criminosos suppliciados na capital, para serem autopsiados e convenientemente estudados, excepto no caso em que as familias reclamassem os restos mortaes do padecente. (Portaria de 9 de junho de 1842).

Pouco tempo, porém, poderia ter sido executada esta determinação, porquanto, depois da execução do celebre criminoso Mattos Lobo, nunca mais se ergueu a forca em Portugal, terminando assim, pela extincção da pena de morte, o encargo que á Misericordia, desde a sua primordial fundação, cabia, de consolar, acompanhar, assistir e enterrar os padecentes. Hoje, porém, ainda como ultimo cumprimento d'essa memoravel beneficencia, que durante seculos exerceu, a Santa Casa, em virtude de um legado, manda celebrar todos os annos na sua egreja um officio por alma dos Padecentes.

Em uma noticia de 1842 encontramos descripta a fórma, pela qual, nas execuções como a do Mattos Lobo, se organizava o prestito. Era a seguinte: abria a marcha a campainha da Misericordia, e as alcofas pedindo esmolas; após vinha a Confraria da Misericordia, com o seu painel arvorado; vae o crucifixo, em grande altura, e voltado para traz, como que olhando e chamando a si o arrependido, que sempre na mesma immobilidade e ligado á sua cadeira vem conduzido por dois pares de *forçados*, que rojam tristemente os seus grilhões; seguem-se os *algózes* de calças e sobrecasacas pretas, collarinhos derrubados, cabeças descobertas, e nas mãos as suas gorras pretas, agaloadas de amarello; segue a justiça, e por fim a infantaria e cavallaria fecham a procissão. Durante o trajecto, os irmãos da Misericordia limpam a bocca ao padecente, sustentam-lhe e amparam-lhe a cabeça, e assim vão até á forca, no Caes do Tojo. O corpo do justiçado era depois conduzido na tumba pelos serventes da Misericordia, acompanhado pe'o seu padre e por 20 soldados de cavallaria, para o cemiterio dos Prazeres.[1]

O Mattos Lobo não foi enforcado no logar onde então se faziam as execuções, que era no Caes do Tojo, onde actualmente se ergue o edificio da Estação dos Caminhos de Ferro do Caes dos Soldados. Alli estava armada a forca por detraz de um grande muro, onde vinham bater as aguas do rio. Como, porém, o dia marcado para a execução do Mattos Lobo fosse dia sanctificado na freguezia de S. Thiago, dentro de cuja area ficava o Caes do Tojo, deliberou-se fazer a execução no outro Caes do Tojo, ao Conde Barão.

Do papel exercido pelas Confrarias da Misericordia n'estes funebres espectaculos, felizmente riscados dos costumes portuguezes, encontramos circumstanciada noticia no artigo *Victoria do Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal. Refere-se a execuções na cidade do Porto em 1757 e 1838.

Era uso fornecer a Misericordia a corda para os enforcamentos, e correu sempre, como tradição piedosa, não confirmada por lei ou provisão alguma, que rebentando o baraço, e cahindo o padecente inda com vida, abatia sobre elle a bandeira da Misericordia, e ficava a coberto da perseguição da justiça o condemnado. Dizia-se até que muitas vezes a Irmandade, com o fim humanitario de intervir, por este modo, no salvamento dos seus protegidos, fornecia cordas passadas por agua forte. Conta Pinho Leal um caso d'estes.

«Segundo a praxe e costume antigo, assistiu á execução a irmandade da Misericordia, e, acto continuo, tomou na sua tumba o cadaver e o conduziu á sepultura, d'antemão aberta na cerca do Hospital de Santo Antonio;[2]... quando, porém, lançavam na sepultura o cadaver d'aquelle infeliz, notou-se que *elle se movêra, abrira os olhos e dava outros signaes de vida!*

«Immensa multidão de povo acompanhava o funebre cortejo e todos se acercavam da tumba para se certificarem de tão extranho facto, sendo geral e profunda a commoção...»[3]

O réo foi recolhido ao hospital da Misericordia, onde, porém, apesar de todos os soccorros medicos que se lhe ministraram, o infeliz falleceu ás tres horas da tarde do mesmo dia.

No Rio de Janeiro usou-se tambem este privilegio de protecção que a bandeira da Misericordia exercia, abatendo sobre os condemnados, em casos como o que atraz descrevemos, salvando a vida ao padecente.

---

[1] Este artigo é um trecho do livro *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa* que se está imprimindo na collecção das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*.

[2] *Lisboa Antiga*, tomo VI, p. 39. Vide tambem o artigo do sr. Pedro de Azevedo no *Archeologo*, tomo V, p. 265.

[3] *Summario de Varia historia*, tomo II, p 54.

[4] Pinho Leal, tomo IV, p. 168.

[5] Camillo Castello Branco.—*Caveira da Martyr*, tomo III, p. 94 e 95.

[6] É antiga em Lisboa a existencia de cemiterios; desde 1506, pelo menos, houve adros ou cemiterios para os que falleciam das epidemias que devastavam a Capital.

[7] *Privilegios*, etc. L.º 2.º, fl. 29.

---

[1] *Revista Universal de Lisboa*, 1842, p 350.

[2] Tambem no Porto, como em Lisboa, a Misericordia possuia o seu cemiterio privativo, onde enterrava os padecentes. Este cemiterio era o chamado *Adro dos Enforcados*, no chão do Campo das Malvas, proximo da antiga porta do Olival, onde depois se edificou a Torre dos Clerigos. Este Adro foi em 1836 transferido para a cerca do Hospital, e alli só se abriu cova para este justiçado em 23 de julho de 1828. Vide Pinho Leal. *Portugal antigo e moderno*, tomo V, p. 314.

[3] Pinho Leal, tomo X, p. 605.

No anno de 1835, porém, quando em uma execução a Confraria ia pôr em pratica este direito consagrado pelo costume e pelas tradições, originou-se violento conflicto com o juiz, que ordenou a intervenção da força armada.

Travou-se lucta; a sacrosanta bandeira da Misericordia Fluminense ficou traspassada de bayonetadas e o padecente foi executado. A Mesa da Confraria da Misericordia, indignada contra tal violencia, resolveu nunca mais acompanhar os padecentes ao patibulo.[1]

Victor Ribeiro.

METEOROLOGIA

Fevereiro de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	o o			mm
1	762,9	8,3- 0,6	Limpo	NNE	0,0
2	757,1	9,7- 5,2	Nublado	Calma	2,0
3	752,0	15,2- 7,6	»	SW	52,0
4	753,8	15,0- 9,5	Encoberto	NE	2,1
5	752,8	16,2-14,1	Nublado	SSE	4,4
6	756,4	16,2-14,2	»	SSW	8,4
7	759,1	15,7-12,8	»	SW	9,4
8	766,2	15,4-12,6	»	»	5,3
9	760,0	14,9-10,7	»	WSW	15,4
10	758,5	14,1-10,5	»	SSW	5,2
11	756,4	15,0-11,2	Encoberto	»	15,1
12	748,2	14,5-11,6	Nublado	S	5,0
13	754,6	14,4-11,5	»	WSW	20,4
14	760,5	14,6- 9,3	»	Calma	1,0
15	768,8	11,4- 7,4	Alg. nuvens	NNE	4,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Chuvas copiosas em toda a quinzena. Em 2, o pluviometro accusou: em Lisboa 52^{mm},0, em Vendas Novas 23^{mm},0, em Campo Maior 15^{mm},0, em Evora 16^{mm},0 e em Coimbra 10^{mm},8. Em 3, a chuva foi de 16^{mm},0 em Beja e Faro, e 14^{mm},0 em Villa Fernando. Em 4, na Guarda 37^{mm},0, em Villa Fernando 28^{mm},0 e em Coimbra 23^{mm},9 Em 5, na Serra da Estrella 89^{mm},0, na Guarda 60^{mm},0, em Villa Fernando 48^{mm},0, em Coimbra 47^{mm},6, em Evora 40^{mm},0, etc. Em 6, Serra da Estrella 89^{mm},0, Guarda 64^{mm},0, Villa Fernando 36^{mm},0, Evora 30^{mm},0 e Coimbra 31^{mm},6, etc. Em 7, Serra da Estrella 31^{mm},0, Regoa 24^{mm},0 Porto e Coimbra 15^{mm},0, etc. Em 8, Villa Fernando 49^{mm},0, Porto 34^{mm},0, Vendas Novas 21^{mm},0, Guarda 20^{mm},0, Lisboa 15^{mm},4, Coimbra 14^{mm},2, Evora 13^{mm},0, etc. Em 10, Serra da Estrella 35^{mm},0, Porto 22^{mm},0, Coimbra 21^{mm},0, Evora 20^{mm},0, Lisboa 15^{mm},1, etc. Em 11, Villa Fernando 51^{mm},0, Serra da Estrella 27^{mm},0, Guarda 25^{mm},0, Evora 14^{mm},0, etc. Em 12, Serra da Estrella 47^{mm},0, Evora 23^{mm},0, Lisboa 20^{mm},4, Coimbra 16^{mm},4, etc. Em 13, Serra da Estrella 44^{mm},0 e Coimbra 18^{mm},7. Em 14, Beja 19^{mm},0.

UM BOM RAPAZ

POR

Biornstierne Biornson

— É exquisito! murmurou. Já ninguem gosta de trabalhar para mim. Pois nunca fui tão mau!

Depois de haverem dado um giro pelos campos voltaram para perto de casa.

— Olhe, dizia Ole, ordem por parte nenhuma; nem sequer o machado pendurado ao pé da lenha! Olhe essas pelles de carneiro pelo chão; ninguem cuidou de levantal-as.

Ainda elle estava a fallar, quando se ouviu ao longe uma voz alegre cantando.

— E' o pequenito Knut Estistuen que está cantando a apanhar folhas, disse Ole. Mas não é cantiga conhecida cá na freguezia.

— Não, disse o mestre. Eyvind Pladsen andou muito por aqui. E' alguma das cantigas que nos trouxe da Escola de Agricultura. Por onde ande Eyvind Pladsen, é certo ouvir-se cantar, porque se trabalha de coração.

Ole fez que não ouvia. Iam atravessando por uns campos que mettiam dó.

— Por mais que queira não posso, suspirou o velho. Homens a dia são uns rallaços, Baard. Faz-me vergonha o que por ahi vê. Que ha de pensar de mim que assim deixo abandonada a terra que herdei de meus avós?

O velho sentou-se n'um tronco d'arvore e escondeu o rosto nas mãos.

Ora aconteceu que o Knutzinho, que saltava de ramo em ramo e d'arvore para arvore como um esquilo, veiu empoleirar-se por cima da cabeça do velho, que se ergueu como furioso.

— Persegue-me esta cantiga, disse. Voltemos para casa, Baard. Fechemo-nos para conversar.

Nós, leitores, vamos a Pladsen.

Eyvind estava de volta d'uma longa viagem. A carruagem que o trouxera ainda estava no pateo e o cavallo assoprava em frente da porta. Eyvind ganhava muito, como chefe de cultura do districto; mas nem por isso deixára o seu quartosinho em casa dos paes, que ajudava nas horas vagas. Pladsen era um encanto de cultura de ponta a ponta; mas era tão pequenina a fazenda que Eyvind lhe chamava «o brinquedo de minha mãe». Era a mãe quem tratava da fazenda e o pae dos moinhos. O santo homem voltava para casa exactamente quando Eyvind chegou, e vinha todo enfarinhado. Ambos se escovaram e falavam de ir dar uma voltinha, quando a mãe entrou esbaforida.

— Visitas!

Os homens correram para a janella. Eyvind exclamou:

— E' o mestre-escola. Mas com quem, Senhor Deus!

E o pae murmurou:

— Pois é exactamente quem queres dizer!

Ole e Baard entraram juntos. Este ultimo deu um passo para traz e fez signal a Eyvind sorrindo e erguendo os hombros.

A mãe sumira-se no canto onde costumavam pôr os jarros de leite. Eyvind collocára-se na sua attitude predilecta, encostado á grande mesa, de rosto para a porta. O pae sentou-se ao pé do filho. O mestre e Ole tiraram os chapéos e o velho Nordistuen virou-se para fechar a porta. Tambem elle estava atrapalhado e procurava ganhar tempo.

Thore levantou-se, pediu ás visitas que se sentassem e elles tomaram logar no banco em frente da janella.

— Vai o outomno correndo lindo, disse Baard.

— O calor durou mais que o costume, respondeu Thore.

— Já recolheu a colheita? perguntou Eyvind.

— Ainda não, disse o mestre-escola. Ora aqui tens Ole Nordistuen, que provavelmente conheces, Eyvind, e que precisa de ti.

— Quando queira, o que estiver na minha mão...

— Não é para já que elle conta comtigo. Aquillo do casal não lhe vai como desejava e julga que lhe faz falta um melhor systema de cultura, a necessaria vigilancia...

— Demoro-me por aqui tão pouco! disse Eyvind.

O mestre escola deitou um olhar para o velho Nordistuen. Duas vezes tossiu e continuou:

— E' que desejavamos que te mudasses lá para cima, como se vivesses comnosco.

— Muito obrigado pela amizade do offerecimento; mas prefiro ficar onde estou.

Ole, por sua vez, olhou para o mestre-escola.

— O negocio não está correndo bem para o meu amigo Ole, disse este. A verdade é que elle já veiu a Pladsen ha tempos e que...

— Bem nos lembramos, interromperam ao mesmo tempo Thore e o filho.

— Pois é verdade, disse Ole. Andei como um velho pateta. Depois d'isso bulhei com a pequena. Mas o que lá vai, lá vai. A agua do ribeiro não sacode os grandes rochedos, nem a neve se aguenta na terra em maio.

— Quer o Ole dizer que os rancores devem como essa neve fundir-se, continuou o mestre. E' preciso esquecer velhos odios.

— Seja! disse Thore. As silvas teem espinhos que se mettem um bocadinho na carne, mas não chegam a ferir. Seja.

— N'esse tempo não conhecia o rapaz, continuou o proprietario. Vejo agora que o que elle semeia nasce e cresce; as colheitas cumprem a promessa da primavera. O rapaz nasce lhe dinheiro na ponta dos dedos e queria-o lá no casal.

— Sim, disse Eyvind. E' um grande casal.

— Mal tratado, interrompeu o velho. Eu já não sei. Nem as pernas me querem já obedecer. E' o maior casal da freguezia. Ahi é que está a desgraça. Bom é ter-se uma espingarda, mas, se o homem não sabe atirar, ri-se d'elle a raposa.

Depois, repentinamente, voltando-se para Eyvind:

— Quer ajudar-me? Tudo andará pelo melhor.

— Quer-me para feitor?

— Quero dizer que o casal será seu.

— Mas... balbuciou o rapaz.

— Recusa?

— Não... não!...

— Tudo está pois combinado, disse o velho.

Eyvind meneou a cabeça. O mestre-escola não o deixou responder.

— Olhe, disse. O Eyvind deseja saber se tambem Marit lhe pertence.

— Marit entra no contracto.

N'isto Eyvind poz-se a saltar e a rir.

Thore ria ás gargalhadas. A mãe, pelo contrario, não sahia lá do cantinho, porque tinha os olhos cheios de lagrimas.

— E então, disse Ole, que pensa agora do casal?

— Linda terra! respondeu Eyvind. Que linda terra!

— E com pastagens sem egual!

— Com pastagens sem egual!

— Que vai d'elle fazer?

— O melhor casal do districto. Tão certo como eu estar aqui!

— Mas, disse Ole, o dinheiro? Eu já não tenho.

— Caminha-se mais devagar, mas deixal-o!

— Está bem, disse Ole suspirando, mas com dinheiro sempre se ia mais depressa.

— Quem diz que não? disse Eyvind. Mas dinheiro.. dinheiro...

A mãe fazia muitos signaes e pescava o olho a Thore, que não queria olhar para ella. O mestre-escola tambem procurava chamar-lhe a attenção. Mas Thore abanava a cabeça e esfregava as mãos nos joelhos. Chegou a abrir a bocca; mas Ole e Eyvind conversavam tão de rijo que ninguem se fazia ouvir.

— Calem-se um bocado! gritou o mestre escola, que o Thore quer falar.

— Então aqui vai, disse Thore com voz sumida. Sempre aqui tivemos um moinho. Agora temos dois. Sempre, todos os annos, nos deram umas moedasitas de prata e nunca, nem meu pae nem eu, tocamos no pé de meia. O mestre-escola lá nos pôz o dinheiro a render e diz que alguma cousa deu. Pois que o Eyvind tome conta d'elle para Nosdistuen.

A mãe fazia-se cada vez mais pequenina lá no seu canto, mas olhava para Thore com os olhos a scintillarem de contentamento. Ole quedára se de bocca aberta. Eyvind exclamou.

— Segue-me a felicidade, é certo!

E bateu, com a palma da mão no hombro do pae, dizendo:

— Pae, és um santo!

— Que dinheiro poderá elle ter? perguntou Ole baixinho ao mestre-escola.

— Não será tão pouco como isso.

— Umas centenas de florins?

— Mais... muito mais!

— Santo Deus! exclamou o velho. Que casal! Hade ser o mais lindo casal do mundo!

— Desejaria ir comsigo falar a Marit, disse Eyvind. Podemos ir na carruagem que ali está no pateo para chegarmos mais depressa.

— Ah! ah! disse Ole. De tudo tem pressa, nos sobretudo da rapariga!

Sahiram todos juntos. E não foi só o cãozarrão que se espantou quando, no pateo do casal, Eyvind Pladsem ajudou Ole Nordistuen a apear-se.

Os criados não acreditavam no que viam. Marit, atrahida á porta pelos latidos do cão, fez-se muito córada e fugiu para o quarto.

Mas a voz do velho chamou-a com tão terrivel accento que remedio não teve senão tornar a apparecer.

— Vá e desespere-se, menina teimosa. Aqui está quem vem tomar conta do casal.

— Será verdade, meu Deus? murmurou ella.

— É, é, é verdade, disse Eyvind.

Girou sobre os pésinhos e tornou a sahir, mas Eyvind foi atraz d'ella.

Para terminar o contosinho dir-lhes-hei que cinco semanas depois, Eyvind e Marit foram unidos na egreja da freguezia.

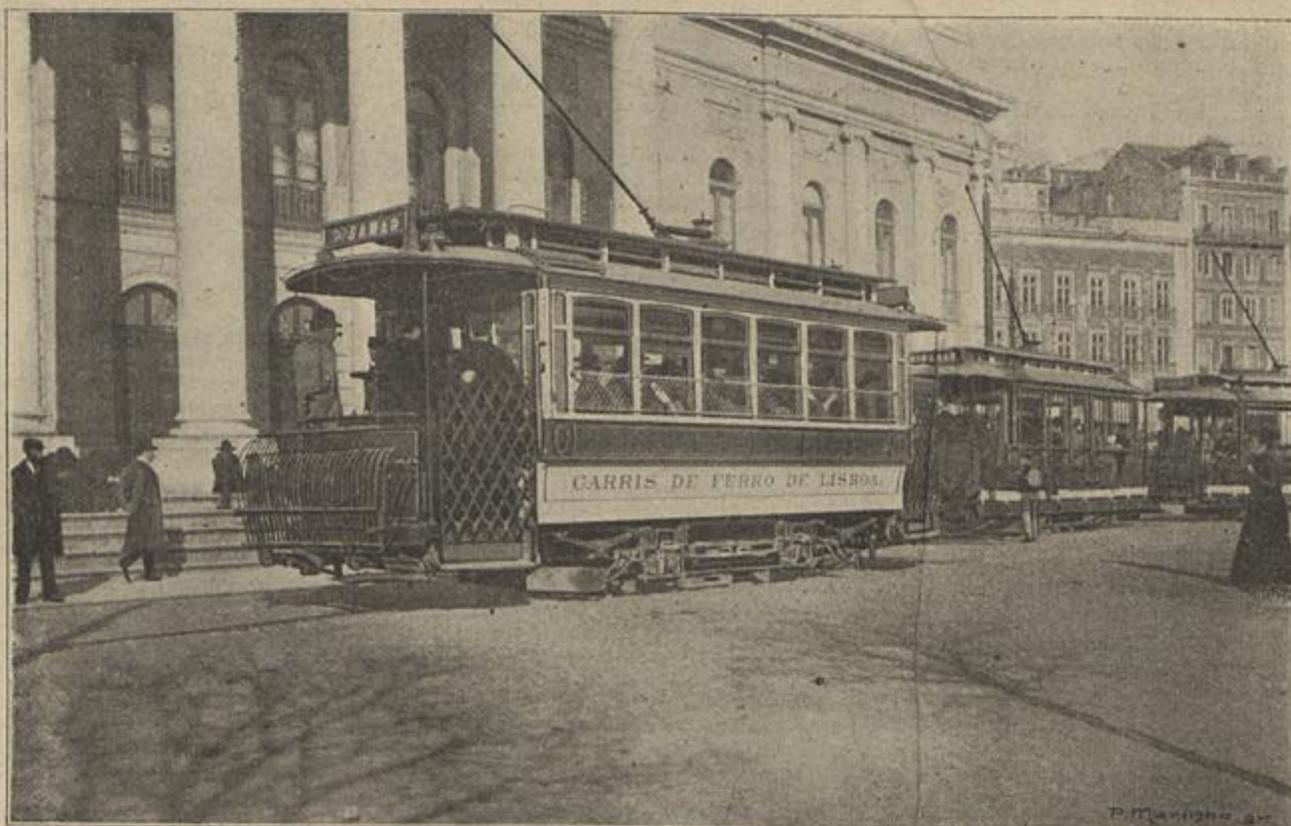
O mestre-escola dirigiu elle mesmo o canto, sob pretexto de estar rouco o seu bedel ajudante.

Por mais que dissesse a Eyvind, que o sollicitava, que estava com a voz estragadissima, o rapaz respondia-lhe que muito gostaria de ouvil-o.

E quando Eyvind, dando a mão a Marit, a conduziu ao altar, o velho mestre fez-lhe um signal, como no dia do baile, quando Eyvind, sentado tristemente á porta de casa, tentava esconder e engolir as lagrimas.

E assim acaba a historia de Eyvind Pladsen, o bom rapaz.

FIM

[1] Felix Ferreira. *A Misericordia Fluminense*, p. 311.

A TRACÇÃO ELECTRICA EM LISBOA — Os carros electricos

Recebemos e agradecemos:

Atravez da Europa e da Africa (*Viagens*) *por Oscar Leal — Livraria editora Tavares Cardoso & Irmão — Lisboa, 1901.*

N'este seu novo livro agrupou o sr. Oscar Leal as impressões colhidas nas viagens á Madeira, Cabo Verde, Guiné, Angola, S. Thomé, Principe e Congo, de que trata a primeira parte do volume, e nas excursões pela Europa, que constituem a segunda parte.

Um livro de viagens é sempre curioso, e tanto mais quando descreve regiões que nos interessam por serem continuação da patria portugueza. *Atravéz da Europa e da Africa* tem ainda a accrescentar-lhe esse valor o descrever tambem algumas das mais celebres cidades da Europa, que são o encanto e a admiração de quem as visita. Monaco, Roma, Veneza, Napoles, Pompeia, Londres, Paris e Madrid, perpassam ante o leitor com a magia das vistas d'um cosmorama.

O sr. Oscar Leal deu a este livro um estylo colorido e brilhante, mostrando comtudo côres negras na parte referente á Africa portugueza e sua colonisação.

Visando nobremente ao engrandecimento e prosperidade d'essas terras o auctor declara que as suas asserções, embora acoimadas de rigorosas ou pessimistas, desvendam parte da verdade que muitos escondem. Crê que nenhum homem de bem que habite Angola, Congo ou S. Thomé protestará contra ellas. N'isto mostra o sr. Oscar Leal uma independencia e uma coragem dignas do maior apreço.

N'outro logar da nossa revista publicamos um excerpto do livro *Atravez da Europa e da Africa*, acompanhado das gravuras que illustram a edição. Por esses trechos se avaliará do interesse e da utilidade do livro. O auctor soube tornar agradaveis as descripções, pelo que o volume se lê com prazer.

Noticiando o apparecimento do novo livro, não podemos deixar de louvar o seu auctor pela hombridade com que o escreveu, elucidando bastante quantos procurem instruir-se com a sua leitura.

Mil observações judiciosas e a critica resultante d'ellas contribuem para dar notavel valor ao livro.